
ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E ANÁLISE DOCUMENTÁRIA: aspectos semântico-cognitivos

Organization of information and documentary analysis: semantic-cognitive aspects

Alexandre Robson Martines (1)

(1) Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil, alexandre.martines@unesp.br



Resumo

A informação é a construção de elementos significativos, capazes de ampliar a compreensão acerca de um objeto ou fenômeno, sendo responsável pela construção do conhecimento. Sua aplicação é inerente à interação, que se efetiva na mente por estágios de cognição. É objetivo desta pesquisa analisar alguns fundamentos teóricos relacionados à análise documentária para compreender como a linguagem contribui na construção semântica e como os processos cognitivos decorrentes dessa interação influenciam na representação e na organização da informação. Para tanto, aplicou-se uma metodologia de natureza qualitativa, do tipo exploratória, já que buscou explorar fundamentos teóricos do referencial aplicado a fim de estabelecer uma correlação, por isso configura-se uma pesquisa bibliográfica, de caráter interdisciplinar. A elaboração da linguagem especializada é resultado de um processo semântico-cognitivo, pois a elaboração de uma linguagem documentária envolve diversos fatores que contribuem na construção semântica, os quais são resultados e geradores de aspectos cognitivos. Ao se tratar de informação e conhecimento, é necessária a mediação da linguagem, pois, através do signo e da interação social, é capaz de ser geradora da cognição e atualizar o conhecimento.

Palavras-chave: Organização do Conhecimento; Organização da Informação; Análise Documentária; Semântica; Cognição.

Abstract

Information is the construction of meaningful elements capable of expanding understanding of an object or phenomenon, and is responsible for the construction of knowledge. Its application is inherent to interaction, which takes place in the mind through stages of cognition. The objective of this research is to analyze some theoretical foundations related to documentary analysis to understand how language contributes to semantic construction and how the cognitive processes resulting from this interaction influence the representation and organization of information. To this end, a qualitative, exploratory methodology was applied, as it sought to explore the theoretical foundations of the applied framework in order to establish a correlation; therefore, it constitutes bibliographic research of an interdisciplinary nature. The elaboration of specialized language is the result of a semantic-cognitive process, since the elaboration of a documentary language involves several factors that contribute to semantic construction, which are both results and generators of cognitive aspects. When dealing with information and knowledge, the mediation of language is necessary, because, through the sign and social interaction, it is capable of generating cognition and updating knowledge.

Keywords: Knowledge Organization. Information Organization. Document Analysis. Semantics. Cognition.

1 Introdução

A informação é a construção de elementos significativos, carregados de conteúdo, capazes de ampliar a compreensão acerca de um ser, de uma prática, de uma ação, de um objeto, de um fenômeno a partir de uma ruptura na sua regularidade gerando uma nova percepção.

A informação é fundamental para a construção do conhecimento. Sendo assim, sua aplicação é inerente à interação social, cultural e fenomenológica, as quais, em níveis de conhecimento humano, caracterizam-se pela atividade cognitiva. A informação não é meramente um veículo de valores semânticos, mas sim a aplicabilidade das coisas do mundo, evocando sua significação e provocando, na mente, estágios de cognição que envolvem a *estésis*, o *ethos* e o *logos*, ou seja, as emoções e percepções, a ética e os valores sociais e culturais e a compreensão lógica.

A informação se manifesta frente aos objetos e aos fenômenos naturais e culturais, os quais os seres humanos apresentam interesse e preocupação para compreender, representar e organizar, pois essa prática garante o acesso às informações produzidas no passado, às informações estratégicas para tomadas de decisão, às informações aplicadas para a validação de outras informações sob a chancela da autenticidade e, assim, condicionar a mente para o devir, permitindo a mediação. Nesse propósito, a constituição de sistemas informacionais é fundamental para a

gestão informacional, visto que garante o tratamento, o arquivamento, a representação e a recuperação.

Diante disso, o estudo acerca da informação perpassa pela significação, pois a prática humana é conduzida pela evidência semântica, já que este fator é responsável pelo ajustamento da representação da realidade à produção de pensamento, conseqüentemente ao direcionamento das funções dos objetos científicos e dos objetivos constituídos em sua comunicação. Assim, o estudo sobre a informação torna-se preocupação central das investigações em diversas áreas do conhecimento, destacando-se a Ciência da Informação, por conseguinte a Arquivologia, Biblioteconomia, Diplomática, a Ciência da Documentação, a Organização do Conhecimento e a Organização da Informação, sendo responsáveis por pensar estratégias que garantam o tratamento da informação presente nos documentos, assim como práticas para a representação e sua recuperação.

Desde a década de 1960, as pesquisas desenvolvidas na área da Organização do Conhecimento e da Informação apresentam preocupações diretas com a aplicação da linguagem no processo de organização e representação da informação e do conhecimento decorrente da compreensão do papel semântico em suas atividades. Com isso, estudos direcionados à metalinguagem e ao processo cognitivo ganharam evidência entre os anos 1980 e 1990 na área.

Desse modo, é objetivo desta pesquisa analisar alguns fundamentos teóricos relacionados à análise documentária e compreender como a construção semântica contribui para a aplicação da linguagem documentária tratamento do documento e como os processos cognitivos decorrentes dessa interação influenciam na representação e na organização do conhecimento e da informação.

Para tanto, aplicou-se uma metodologia de natureza qualitativa, do tipo exploratória, pois exploraram-se fundamentos teóricos do referencial aplicado a fim de se estabelecer uma correlação, por isso configura-se uma pesquisa bibliográfica, de caráter interdisciplinar. Devido a isso, apresenta-se sob a tipologia exploratória, em busca de caminhos para interrelacionar teorias de naturezas científicas diferentes, o que confere seu caráter interdisciplinar. Somado a isso, trata-se também de uma pesquisa básica, teórica e bibliográfica. Assim, a coleta foi realizada em bases de pesquisa como Brapci, Dialnet, Google *Scholar*, em que se recuperaram trabalhos, como

artigos, dissertações, teses e livros, explorando termos como informação, organização da informação, análise documentária, tratamento documental, linguagem documentária, indexação, leitura documental, pressuposto, unidade de pensamento, esquemas, *frame*, *script*, cognição, semântica, linguagem natural, para a construção da interpretação e a aplicação das inferências., sem especificação de período, porém direcionados pelo interesse na temática, publicados em língua portuguesa, espanhola e inglesa.

Frente ao material coletado, destacam-se os trabalhos Barité et al. (2015); Lima e Alvares (2012); Bräscher e Café (2008); Kobashi (2007) para tratar da organização do conhecimento e organização da informação; bem como Cunha (1987, 1989); García Gutiérrez (1992); Lara (1993, 2001, 2004a, 2004b, 2006, 2008, 2009, 2011); Maiomone; Tálamo (2011); Gandier e Pinho (2018) para a análise documentária e linguagem documentária. Além dos trabalhos de van Dijk (2019); Ducrot (2020) para os aspectos sobre semântica, discurso e cognição.

Diante disso, a análise ocorreu inicialmente do agrupamento teórico e conceitual. Na sequência, aplicou-se fichamento para seleção de fundamentos, argumentos, descrições, reflexões, raciocínios acerca da funcionalidade das teorias e dos conceitos. Por fim, estabeleceu-se a correlação entre as teorias. Diante disso, instaurou-se a interpretação em busca de inferências que possibilitassem a realização da conexão entre as teorias, os conceitos e os saberes com o fito de proporcionar avanços sobre a temática que está sendo pesquisada e debatida.

Nessa perspectiva, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com a área, propondo avanços sobre a representação e a organização da informação, análise documentária e o tratamento da informação, que envolvam a descrição, a classificação e a catalogação a partir de linguagem documentária resultante de uma investigação modelada pela cognição a fim de legitimar os aspectos semânticos aplicados.

2 Organização da informação e o tratamento documental

A informação é fio condutor para o conhecimento. É sua atuação junto aos fatores sociais, culturais, políticos, históricos, científicos, discursivos, que constituem o processo de cognição e efetiva a atualização das experiências em relação ao objeto, fenômeno ou evento. Dessa maneira,

entende-se que a informação ganha materialidade através de signos, os quais estabelecem um sistema de inter-relação comunicativa entre mentes, entre sistemas informacionais e mentes e entre sistemas informacionais.

A informação é um elemento constante na realidade, capaz de dar sentido para as coisas do mundo, por isso é a percepção de uma mente que a reconhece e, diante de um conflito, uma ruptura, uma fragmentação na regularidade que se apresenta frente realidade e mente, proporciona a apreensão de uma existência. A informação aciona fatores cognitivos que entram em cena para compreender o objeto, o fenômeno ou o evento em confronto à percepção. Dessa maneira, há uma complexidade linguístico-lógica, em que se traduz a captação das coisas no mundo em aspectos semânticos. Por sua vez, esses aspectos semânticos são materializados em simulacros, isto é, em palavras, signos de natureza verbal, linguística, os quais são modeladores de conduta, comportamento, hábito e valores.

Frente a essa situação de experiência e compreensão das coisas do mundo e da realidade, o conhecimento se realiza. Porém, a aleatoriedade na construção da informação não é benéfica ao aparelho cognitivo, que necessita estar inserido em regularidades informacionais para estabilizar a compreensão (Vygotsky, 2008; van Dijk, 2019). Nessa linha, a informação necessita ser tratada para que se possa organizar o conhecimento em sistemas de normalização a fim de que a recuperação seja efetuada. Assim, ocorre a evolução do conhecimento, o qual, diante de uma mente complexa, produz informações complexas e atualiza de modo cada vez mais complexo o conhecimento.

Decorrente dessa necessidade de organização da informação e do conhecimento, os seres humanos, por se tratarem de portadores de mentes complexas, desenvolveram sistemas informacionais para armazenarem as informações que conduziam ao conhecimento, haja vista as grandes bibliotecas já construídas na antiguidade.

O grande marco das estratégias humanas para controle e organização da informação e do conhecimento foram as propostas de Paul Otlet, quem gerou o *Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*, em 1934, em que defendia que era possível a “feição institucional a novas formas de organização e disseminação do documento” (Otlet, 2018, p. xiii).

Posto isso, é objetivo desta seção analisar as concepções de organização do conhecimento, organização da informação, análise e tratamento documental a fim de compreender as implicações semânticas, manifestadas como simulacros na consolidação dos documentos em sua instância como enunciado e enunciação. Para tanto, destacam-se os trabalhos de Barité et al. (2015); Brascher, Lima e Alvares (2012); Café (2008); Kobashi (2007) para tratar da organização do conhecimento e organização da informação; bem como Cunha (1987, 1989); García Gutiérrez (1992); Lara (1993, 2001, 2004a, 2004b, 2006, 2008, 2009, 2011); Maiomone; Tálamo (2011); Gandier e Pinho (2018) para a análise documentária e linguagem documentária.

Para Peña, “o homem tem a grande capacidade de atribuir nomes às coisas da realidade e as criações de seu próprio interior” (Barité et al., 2015, p. 13, tradução livre). Dessa maneira, desenvolve práticas científicas para desenvolver “vocabulários técnicos ou especializados” para estabelecer a organização da informação e do conhecimento. As práticas e procedimentos comportam “a normalização dos termos e as situações comunicativas do grupo de usuário especializado”, garantindo estabilidade ao tratamento da informação para “transferi-la e divulgá-la à sociedade, para tanto a prática de organização “analisa os termos e conceitos associados, pois são a forma de veicular os conteúdos documentais” (Barité et al., 2015, p. 13, tradução livre).

Organização do conhecimento pode ser entendida como “área do conhecimento de formação recente, que estuda as leis, os princípios e os procedimentos pelos quais se estrutura o conhecimento especializado em qualquer disciplina” (Barité et al., 2015, p. 120, tradução livre). Além disso, ainda pode ser vista com a finalidade de “representar tematicamente e recuperar a informação presente em documentos de qualquer natureza, por meios eficientes que deem resposta rápida às necessidades dos usuários” (Barité et al., 2015, p. 120, tradução livre).

Ademais, a organização do conhecimento “visa à construção de modelos de mundo que se constituem em abstrações da realidade” (Brascher; Café, 2008, p. 6). Somado a isso, a representação do conhecimento se constitui em uma “estrutura conceitual que representa modelos de mundo” (Brascher; Café, 2008, p. 6), os quais representam e medeiam os objetos fenômenos, eventos e hábitos para a configuração de pensamento e ativam os processos cognitivos.

Outrossim, a representação do conhecimento “é feita por meio de diferentes tipos de sistemas de organização do conhecimento (SOC), que são sistemas conceituais que representam determinado domínio por meio da sistematização dos conceitos” (Brascher; Café, 2008, p. 8). Os sistemas de organização do conhecimento são modelados pela linguagem documentária, a qual atua na intenção de estabilizar os valores semânticos evocados pelos conceitos. A linguagem documentária apresenta uma semântica normalizada a fim de promover uma experiência e, posteriormente, sua recuperação mental decorrente das práticas cognitivas de construção do conhecimento e memória.

A atuação da linguagem documentária se aplica a aspectos que podem ser compreendidos por “processo de modelagem do conhecimento que visa a construção de representação do conhecimento” (Brascher; Café, 2008, p. 8). Por conseguinte, a representação do conhecimento é a transformação descritiva de um fato, uma ação, uma compreensão para um simulacro - conceito semiótico que considera a aplicação do signo sobre aspectos discursivos, que canalizam a concentração de outros valores, agrupados sob a égide de valores imanentes que aderem a valores constituintes na manifestação (Greimas; Fontanille, 1993).

A linguagem documentária, vista como simulacro, agrupa diversos valores semânticos construídos pela interação histórica, social, cultural e científica proposta no interior de domínios. Frente a isso, busca traduzir para uma expressão, para uma frase aquilo que compete a recuperação de toda uma experiência e concepção, pois “esse processo tem por base a análise do conceito e de suas características para o estabelecimento da posição que cada conceito ocupa num determinado domínio” (Brascher; Café, 2008, p. 8).

Assim, o conceito pode ser entendido como “qualquer unidade de pensamento. Noção selecionada para reter como unidade de análise semântica”, por conseguinte é um “elemento do pensamento expresso, em geral, por um termo ou por um símbolo literal ou outro” (Faria; Pericão, 2008, p. 188). O conceito direciona as práticas e estratégias para estabelecer a comunicação na ciência, assim possibilitando o diálogo entre os campos científicos. Para Francelin e Kobashi (2011, p. 210), “a construção do conceito depende basicamente de um referente, da emissão de juízos sobre o referente, de uma forma verbal (um termo ou um nome) e de uma maneira de usar essa forma verbal em um universo discursivo”.

Outrossim, para Barité et al. (2015, p. 50, tradução livre), o conceito pode ser definido como “abstração ou noção que se refere a uma unidade de conhecimento, independente, de sua expressão linguística e compreende o conjunto de seus recursos essenciais”. Desse modo, sendo o conceito um objeto científico é preciso uma teoria especializada para tratar de seus aspectos ontológicos, teóricos e epistemológicos. Para Barité et al. (2015, p. 152, tradução livre), a teoria dos conceitos se caracteriza por ser uma “área temática que analisa, descreve e estuda os aspectos teóricos e práticos da criação, estrutura, desenvolvimento e aplicações interdisciplinares”, as quais correlacionam e direcionam os conceitos com “qualquer área do conhecimento”.

O conceito é a engrenagem do conhecimento, por se tratar de um simulacro em que as construções sociais-históricas se efetivam, ao mesmo tempo que é uma ponte entre um conhecimento de mundo estabelecido e a enunciação, promovendo o dialogismo entre discursos. O conceito efetiva-se como um saber constituído veiculado pela interação informacional, a qual se engendra à cognição, promovendo um conhecimento resultante de experiência e percepção. O conceito, em níveis informacionais, na configuração de uma proposição, realiza-se, através de raciocínio e inferência, na consolidação de um argumento. O conceito é a chave para o pensamento emular o mundo real, ou um objeto – um ser – inventado, pois é a linguagem em ação, a semântica canalizada em um construto capaz de transformar a realidade em signo.

Decorrente da importância do conceito para a organização e representação do conhecimento e da informação, práticas e métodos científicos foram desenvolvidos para garantir um processo de tratamento preciso e objetivo, já que é necessária a interação com a informação para chegar ao conhecimento. Nessa linha, a representação da informação torna-se importante, pois além dos sistemas organizarem o conhecimento, efetuando categorias e classificações, também é preciso garantir sua efetiva recuperação a fim de que usuários possam acessar aquilo que já foi produzido de maneira rápida e com qualidade. Uma linguagem especializada é aplicada para mediar o conceito em um descritor, assim o conhecimento institucionalizado é transformado em informação representada em sistemas informacionais profissionais, técnicos e científicos, gerando a criação de métodos e instrumentos para fabricar informação documentária (Kobashi, 2007).

A organização e a representação do conhecimento e da informação são constituídas pelo uso de linguagem documentária, já que há “o reconhecimento de que a informação participa de diferentes estruturas de significação, o que motiva a reflexão permanente sobre os métodos de elaborar linguagens apropriadas para os diferentes contextos e seus públicos” (Kobashi, 2007, não paginado). Assim sendo, é válido destacar que “as linguagens documentárias são consideradas fundamentais, pois, sem elas não poderá haver comunicação e fluxo de mensagens” (Kobashi, 2007, não paginado). São as linguagens documentárias que sistematizam os descritores e normalizam os sistemas informacionais, gerenciando a conexão entre documento e representação através de vocabulários controlados.

A organização da informação se caracteriza por ser “organização de um conjunto de objetos informacionais para arranjá-los sistematicamente em coleções, neste caso, temos a organização da informação em bibliotecas, museus, arquivos, tanto tradicionais quanto eletrônico” (Brascher; Café, 2008, p. 6). Os processos que se aplicam a objetos físicos são aplicados aos “objetos informacionais”, portanto devem ser tratados como processos de organização da informação (Brascher; Café, 2008, p. 6).

Arelada a essa concepção, pode-se reconhecer que a semântica é evocada a partir de contextos e do modo como a realidade é representada. Há uma relação com os aspectos utilitários dos itens, assim como a marcação dos juízos de valores semânticos na efetivação de um enunciado. A organização da informação é capaz de sistematizar os aspectos semânticos a serem representados e monitorados pelo enunciado, constantemente sua atuação é inerente à informação registrada, pois em um sistema informacional “o valor da informação depende do significado particular atribuído a ela pelo receptor desta informação, uma vez que ele a adota segundo um determinado propósito” (Brascher; Café, 2008, p. 4). Esse processo linguístico-lógico depende da ação pragmática que afeta o processo cognitivo do receptor, constituindo uma catálise.

A organização da informação é um procedimento realizado para a comunicação em devir, já que estabiliza a semântica com o fito de garantir a sua recuperação futura. Se a organização da informação é caminho para gerar novos conhecimentos, é a organização do conhecimento que garante suporte, estrutura e concepção decorrente de experiências para a formatação da organização da informação.

Nessa linha, “o objetivo do processo de organização da informação é possibilitar o acesso ao conhecimento contido na informação”, através dos objetivos bibliográficos como localizar, identificar, selecionar entidades em arquivos ou base de dados e ainda permitir a navegação de usuários a fim de alcançar a informação por meio de generalização, associação, agregação de atributos relacionados por equivalência, associação e hierarquia semânticas (Brascher; Café, 2008, p. 5). Frente a isso, a organização da informação é “um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais”, por conseguinte seu produto é a representação informacional, “um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico” (Brascher; Café, 2008, p. 5).

Ademais, “alguns tipos de representação da informação são constituídos por meio de linguagens elaboradas especificadamente para os objetivos da organização da informação” (Brascher; Café, 2008, p. 5). Fator que confere a necessidade de um processo cognitivo para efetuar tal descrição, por se tratar de um processo metalinguístico, sob o qual há uma transformação na substância semântica. A organização da informação é uma atividade de estabilização da forma, da expressão, no entanto seu desenvolvimento de representação promove uma ampliação da informação, através de aspectos de metalinguagem e é, neste ponto, em que a ampliação da informação, em extensividade e intensividade, promove uma interação entre referente, semântica e cognição, atualizando o conhecimento.

Assim, pode-se compreender que “a informação obtida por um indivíduo, para se transformar em conhecimento, dialoga com a sua cultura, seus valores e princípios, seu modo de ser e sua maneira de ver e compreender o mundo” (Lima; Alvares, 2012, p. 25). Outrossim, ainda pode-se evidenciar que “[...] nem toda informação existente em um documento vai se transformar em conhecimento, pois quem aprende precisa ter os elementos fundamentais para a decodificação da informação” (Lima; Alvares, 2012, p. 25). Esses fundamentos são decorrentes de experiências, das construções subjetivas, das interações sociais, as quais permitem “fazer a correlação dessa informação com as estruturas mentais e conhecimentos correlatos mínimos que possibilitarão o entendimento e, se for o caso, a geração de novos conhecimentos” (Lima; Alvares, 2012, p. 25).

Dessa maneira, a análise documentária deve ser realizada com muita atenção e, principalmente, sob estratégias de leitura e interpretação que possibilitem a sistematização de

parâmetros de veridicção e inquirição dos aspectos semânticos, os quais não devem ficar aos limites da hermenêutica, dos aspectos heurísticos, bem como devem se manter distantes das interferências idiossincráticas na construção de inferências.

Para tanto, “é necessário que os textos sejam submetidos a métodos de representação da informação em conformidade com o seu conteúdo, fornecendo ao usuário o que ele procura” (Gandier; Pinho, 2018, p. 13). Nessa linha, observa-se que a análise documentária é decorrente de fatores cognitivos aplicados na identificação dos conceitos, portanto um tratamento direcionado à organização e à representação do conhecimento, bem como à construção de sistemas informacionais, através de linguagem documentária, para que essa informação seja armazenada e recuperada.

A recuperação da informação também é um processo cognitivo tendo em vista que o usuário necessita aplicar um conhecimento de mundo, construído a partir de experiências para orientar as pesquisas. Do mesmo modo, é necessário que o profissional da representação aplique processos cognitivos para estabelecer a construção metalinguística, responsável pelo desenvolvimento da representação da informação. Por seu turno, o usuário deve, através dessas informações, identificar a coerência entre o conhecimento, o sistema informacional e seu conhecimento previamente construído.

O mundo humano é um mundo essencialmente de significação. A análise documentária visa ao reconhecimento dessa significação manifestada nos documentos através de simulacros responsáveis por veicular o enunciado, o processo de enunciação e o dialogismo entre os discursos, os quais são convertidos em conceitos e estes alinhados a descritores – linguagem documentária – para efetuar a representação e a recuperação. O mundo significa algo à medida que signos são atribuídos a objetos, fenômenos, eventos, que configurem comportamento, conduta, hábitos e valores decorrentes de experiência cognitiva.

A análise documentária, para Barité et al. (2015, p. 27, tradução livre), é um “exame exaustivo ou sumário de um documento com a finalidade de descrição, classificação, indexação ou resumo, para facilitar sua incorporação a uma coleção e sua recuperação ou acesso quando seja requerido por um usuário”. Além disso, por ser um procedimento diretamente relacionado à

organização e representação da informação, é sempre vinculada à análise temática ou análise de conteúdo.

Por outro lado, a análise documentária “se orienta mais à formulação de problemas que à correção de procedimentos inadequados. Isso se deve ao vazio existente em torno de um corpus teórico necessário, à falta de um modelo geral de referência” (García Gutiérrez, 1992, p. 12, tradução livre). Frente a isso, é válido destacar que “a investigação da análise documental deve realizar-se dentro de um paradigma teórico que globaliza e interrelaciona cada um de seus componentes” (García Gutiérrez, 1992, p. 15, tradução livre). Conseqüentemente, esse paradigma deve ser estruturado a partir dos estudos acerca da linguagem, principalmente na tradução da linguagem natural para a linguagem documentária. Ademais, “para poder simular a análise documental, ou alguns de seus componentes, é preciso, primeiramente, objetivar e modelizar os processos de leitura pragmática realizados pelo ser humano” (García Gutiérrez, 1992, p. 16, tradução livre).

Por fim, pode-se entender que uma análise documentária, norteadas por aspectos semânticos, constituídos por critérios teóricos e técnicos decorrentes de teorias da linguagem apontam caminhos satisfatórios para estabelecer práticas e estratégias de interpretação. Estas são realizadas e fundamentadas por procedimentos que analisam a semântica, não por fatores subjetivos, heurísticos, herméticos ou idiossincráticos, mas sim por métodos capazes de normalizar a compreensão semântica decorrente da correlação entre signo, experiência e objeto.

Sendo assim, a análise documentária, decorrente de aspectos semânticos, identifica no discurso e na prática de enunciação a construção de simulacros capazes de representar a realidade. Conseqüentemente, evocar os conceitos desenvolvidos no documento, não apenas preso ao descritor registrado, mas à significação decorrente da enunciação e da confrontação, verificação e inquirição dos discursos, da tematicidade e da figuratividade construídos decorrente à sua aplicação, garantindo, assim, uma semântica próxima aos aspectos pragmáticos e não fechada em um valor idealmente estabelecido.

3 Linguística textual: fatores da cognição para efetivação dos aspectos semânticos

A linguagem é criadora e condutora de sentido, o qual é decorrente da construção semântica viabilizada pela condição do indivíduo obter a percepção do objeto pertencente à realidade física ou cultural. A semântica conduz a significação e, com ela, o processo de ampliação informacional é resultado da atualização da experiência com objeto. Nesse caso, diversos fatores linguísticos impulsionam a compreensão dos fatores extralinguísticos, os quais são articulados pela constituição da enunciação e do enunciado, através da materialidade da informação. Tal atualização é decorrente dos estímulos linguístico-semânticos que revitalizam as conexões cognitivas.

Diante disso, o objetivo desta seção é analisar os aspectos cognitivos que são influenciados pela linguagem e como estes impactam na percepção do mundo e atualizam os processos semânticos na compreensão das coisas do mundo, proporcionando, conseqüentemente, a construção do conhecimento. Para tanto, exploraram-se as teorias de Vygotski (2007, 2008) referente às conexões entre a linguagem e o pensamento, bem como os aspectos sociais responsáveis pela cognição e, assim, pela formação da mente. Somado a isso, também se analisaram trabalhos acerca da linguística textual e a condição psicológica para apreensão semântica, como Koch (2018); van Dijk (2019); e Ducrot (2020).

O grande desafio das teorias que se dedicam ao estudo da construção semântica é compreender como os aspectos cognitivos se efetivam no processo de significação durante a elaboração e reconhecimento da enunciação e, assim, o sentido é captável com a consolidação do enunciado. Nesse sentido, a abordagem cognitiva está ancorada na relação discurso e realidade, assim inserida em uma epistemologia fenomenológico-realista. Embora observe a semântica manifestada no enunciado, não se trata de uma abordagem cognitiva mentalista-idealista.

Primeiramente, é necessário destacar que o enunciado pode ser definido como “toda grandeza dotada de sentido, pertencente à cadeia falada ou ao texto escrito, anteriormente a qualquer análise linguística ou lógica” (Greimas; Courtés, 2016, p. 168). Essa premissa o caracteriza como um estado resultante da enunciação, independente das dimensões da frase ou do discurso. Ainda pode ser entendido como “produto do ato de produção”, “a unidade de

comunicação elementar, uma sequência verbal investida de sentido e sintaticamente completa” (Charaudeau; Maingueneau, 2020, p.196).

Nessa linha, enunciação pode ser compreendida como “ato individual de utilização da língua, enquanto enunciado é o resultado desse ato, é o ato de criação do falante”, ou ainda é a criação de “conjunto dos fatores e dos atos que provocam a produção de um enunciado” (Dubois *et al.*, 1998, p. 218). Ademais, a enunciação pode ser vista como “o pivô da relação entre a língua e o mundo: por um lado, permite representar fatos no enunciado, mas, por outro, constitui por si mesma um fato, um acontecimento único no tempo e no espaço” (Charaudeau; Maingueneau, 2020, P.193). Além disso, a enunciação se configura por ser “estrutura não linguística (referencial) que submete a comunicação linguística”, como ainda se configura como “instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)” (Greimas; Courtés, 2016, p. 166).

É intrigante a capacidade da mente em organizar e reordenar os agrupamentos semânticos para compreender o sentido proposto pelo enunciado. Todas as informações relevantes são aplicadas no processo, que se estabelece em um determinado curso de tempo e são resultado de processamento direcionado para as intencionalidades do enunciado, assim como a compreensão da informatividade veiculada.

A articulação da cognição é decorrente à construção do conhecimento linguístico, o qual, como aponta Maia (2015, p. 31) “pode ser concebido como constituído de um léxico e de operações que combinam elementos do léxico na forma de sentenças ou expressões linguísticas da língua em questão”. Por conseguinte, os elementos do léxico apresentam propriedades semânticas e, assim, “suas sentenças são unidades sintáticas constituídas por elementos do léxico relacionados de forma hierárquica e apresentados linearmente de modo tal que as relações hierárquicas entre estes podem ser recuperadas” (Maia, 2015, p. 31).

Para a psicolinguística, o léxico pode ser tratado como léxico mental, pois funciona como “uma base de dados ou memória que mantém a longo prazo informação semântica, fonológica e formal de seus elementos” (Maia, 2015, p. 31). Para Corrêa (2015, p. 31), “essa base de dados se relaciona com o conhecimento de ordem pragmática e com outros sistemas cognitivos de natureza

conceitual e intencional”. Outrossim, para codificar uma ideia, o falante recorre ao léxico mental através, primeiramente, de acessos semânticos, posteriormente correlaciona aos aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Pode-se dizer que há uma memória de trabalho, o qual conforme Corrêa (2015, p. 31), é “um sistema que mantém a informação ativa, ao longo do desempenho de uma tarefa cognitiva”.

Trata-se, portanto, de um sistema que mantém a “informação linguística relativa às propriedades dos elementos do léxico na sequência, de modo a permitir sua análise, ou seja, a construção de uma estrutura na qual esses elementos estejam relacionados hierarquicamente” (Maia, 2015, p. 32). Somado a isso, segundo Corrêa (2015, p. 32), operações semelhantes permitem que o escritor/falante possa conduzir a codificação do pensamento em mensagem, já que “com base nas propriedades semânticas dos elementos do léxico e no modo como estão relacionados hierarquicamente, é possível para o ouvinte conduzir a interpretação semântica que serve de base para a compreensão” (Maia, 2015, p. 32).

Concomitantemente, pode-se apontar elementos constituintes das pesquisas de Vygotsky acerca da unidade de pensamento, diante do qual os estudos sobre a fonética e a semântica se realizaram por muito tempo de modo separado. Tal fator direcionava-se para a unidade, entendida por Vygotsky (2008, p. 5) como “um produto de análise que, ao contrário dos elementos, conserva todas as propriedades básicas do todo, não podendo ser dividido sem perdê-las”. Assim, exemplifica que “a chave para a compreensão das propriedades da água são as suas moléculas e seu comportamento, e não seus elementos químicos”, portanto a unidade de pensamento verbal se satisfaz sob o “aspecto intrínseco da palavra, no significado da palavra” (Vygotsky, 2008, p. 5).

Dessa forma, entende-se que “é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal. É no significado, então, que podemos encontrar as respostas às nossas questões sobre a relação entre o pensamento e a fala” (Vygotsky, 2008, p. 5). Nessa perspectiva, “uma palavra não se refere a um objeto isolado, mas a um grupo ou classe de objetos; portanto cada palavra já é uma generalização” (Vygotsky, 2008, p. 6).

Por sua vez, a generalização “é um ato verbal do pensamento e reflete a realidade de modo bem diverso daquele da sensação e da percepção. Essa diferença está implícita na proposição

segundo a qual há um salto dialético [...] entre a sensação e o pensamento” (Vygotsky, 2008, p. 6). Desse modo, é um reflexo generalizado da realidade que estabelece a presença entre pensamento e sensação. A sensação é decorrente de um conflito de existência, uma fratura entre a normalidade e o reconhecimento de propriedades do outro, um esforço para compreender tais propriedades e uma resistência para a mente estabilizar a percepção, um estágio anterior à ação de estar no mundo e a reação de representar um fenômeno que passa a ser regular.

O sentido é um ato de pensamento, pois caracteriza a compreensão do enunciado e maneira como a mente impulsiona a relação entre os elementos linguísticos, como aspectos fonológicos, morfológicos, lexicais e sintáticos. Por sua vez, a significação é o pensamento em ato, visto que é o resultado da correlação mente, linguagem, informação e conhecimento, ou seja, a significação é a manifestação da cognição, responsável pela articulação da experiência, pelas estratégias de aprendizagem e pela ampliação do conhecimento.

O enunciado é a estabilidade da representação; a enunciação é o conflito, a surpresa, a evidência de tipos de existência que se configuram na interação com o outro, no aqui e agora. A interação social permite o entendimento entre mentes, a informação é o fio condutor da expressão de um objeto, de um fenômeno ou de um evento a uma mente, ou ainda da expressividade de uma mente à outra.

Nesse sentido, Vygotsky (2008, p. 7) aponta que “a transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador”, o qual é oriundo “da necessidade de intercâmbio durante o trabalho”, fator que gerou a hipótese de que “o meio de comunicação era o signo”. Entretanto, “um estudo mais profundo do desenvolvimento da compreensão e da comunicação na infância levou à conclusão de que a verdadeira comunicação requer significado – isto é, generalização -, tanto quanto signos” (Vygotsky, 2008, p. 7).

À guisa de compreensão, o processo de construção de experiência precisa ser captado pela sensibilidade (emoção, sentimento, sensação) e provocado por uma ruptura, a qual gera uma ação (física e psíquica/mental) a fim de encontrar estabilidade em uma regularidade. Essa normalização promove uma generalidade, recheada de sentidos, passível de ser traduzida em um signo, “somente assim a comunicação torna-se de fato, possível, pois a experiência do indivíduo encontra-se apenas

em sua própria consciência” e para se tornar comunicável, é preciso ser “incluída em uma determinada categoria que, por convenção tácita, a sociedade humana considera uma unidade” (Vygotsky, 2008, p. 7).

A comunicação é reflexo de atitudes generalizantes, sob as quais pode-se alcançar estágios mais avançados do desenvolvimento semântico dos signos, assim “as formas mais elevadas da comunicação humana somente são possíveis porque o pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada” (Vygotsky, 2008, p. 8), a qual se constituiu como uma unidade de pensamento capaz de manter e se renovar mediante ao intercâmbio social.

O desenvolvimento do processo intelectual, de construção de conhecimento pressupõe a constituição de um comportamento habitual, de uma conduta de ação que leva o indivíduo a tomadas de decisões diante dos fatos, portanto a informação promove percepção (estésis) e reações (ethos) a fim de compreender a realidade (logos). O conhecimento proporciona uma conduta, possibilitando autonomia e ações deliberadas responsáveis pela condução da situação. Assim, “embora a inteligência prática e o uso de signos possam operar independentemente em crianças pequenas, a unidade dialética desses sistemas no adulto humano constitui a verdadeira essência no comportamento humano complexo” (Vigotsky, 2007, p. 11).

A atividade simbólica promove no comportamento humano a necessidade de organização, conseqüentemente a construção de instrumentos capazes de evidenciar a compreensão e a classificação das coisas do mundo. A abstração permite a inovação da prática através da construção de hipóteses, decorrente da natureza imaginativa da mente em conseguir construir proposições de diversas características em busca de sentido. A enunciação possibilita ao texto uma condição de experimento, enquanto o enunciado apenas faz sentido como evidência de resultados concernentes à realidade.

A necessidade de organização é decorrente da necessidade de controlar o ambiente, fator demonstrado desde a infância (Vigotsky, 2007). Organizar é uma necessidade de a mente estar diante de objetos, fenômenos e eventos que apresentem uma regularidade, portanto uma generalidade. Sem controle, a mente não consegue apreender, conseqüentemente não haveria conhecimento. Sem organização, seriam apenas fluxos informacionais em um eterno confronto de

existência, moderados por sentidos primitivos, porém incapazes de promover a significação. A enunciação só é possível ser ato de fala, porque o enunciado é a sistematização de sua compreensão.

Para a Linguística Textual, o processo de produção textual se trata de uma “atividade interacional de sujeitos sociais” (Koch, 2018, p. 7). Desse modo, há a presença de um sujeito planejador/organizador que, “em sua inter-relação com outros sujeitos, vai construir um texto, sob a influência de uma completa rede de fatores”, responsáveis por alimentar as dinâmicas cognitivas através da “especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos partilhados, as expectativas mútuas, as normas e a convenções socioculturais” (Koch, 2018, p. 7).

A significação se consolida decorrente a essas dinâmicas de trocas constantes e inevitáveis, pois a informação é veiculada de um emissor ou sistema informacional e, ao interagir com o receptor, este aplica sua experiência, modelada como conhecimento partilhado para compreender a mensagem. Portanto, “a construção do texto exige a realização de uma série de atividades cognitivo-discursivas que vão dotá-lo de certos elementos, propriedades ou marcas” (Koch, 2018, p. 7). A semântica estabiliza a representação da realidade à compreensão dos sentidos, visto que é a semântica um regulador de sentidos realizados e mediadora da potencialidade e de sua atualização.

Os signos são a materialidade do conteúdo informacional. Dessa maneira, o processo social é significado através de linguagens, da quais se destaca a linguagem verbal, não apenas por ser responsável pelo dinamismo na comunicação humana, mas também porque é, através dela, que a mente compreende os outros tipos de signos (códigos), decorrente de uma tradução metalinguística, em que a descrição corrobora a ampliação do valor informacional.

A atividade verbal é mediada por signos que estimulam a mente através de expressões transcorridas entre o objeto e pensamento, por isso é possível realizar determinadas ações ou interagir socialmente, tais práticas que são possíveis devido haver uma experiência anterior criando hábitos e modelos de conduta. Sendo assim, para que haja a produção de um texto, bem como sua análise e compreensão, é preciso que haja fatores de interação social e comunicacional, a qual se

promove através da semânticidade – é quando o texto evidencia “sua função referencial com a realidade” (Koch, 2018, p. 16). Além disso, um texto expressa características de referência à situação e de intencionalidade, porque o texto se realiza para a contemplação de intenções de seus produtores.

A gramaticalidade é importante para evidenciar a estrutura do texto, na qual há a construção da estrutura do enunciado, sendo permeada pelas escolhas lexicais, morfológicas e sintáticas, no entanto é decorrente à semânticidade e à pragmática que a enunciação se realiza, pois estes fatores são responsáveis por estabelecer o ato de fala, a semântica em ato, a significação sendo construído através da ação enunciativa.

É na representação conceitual que o texto se articula, já que a informação ganha direcionamento devido à intencionalidade do seu produtor, assim como o efeito de sentido é construído decorrente à organização dos conceitos na estrutura superficial do texto, em que a rede semântica, ou melhor, a rede conceitual constrói a referência e o discurso. Assim, “a relação existente entre os elementos do texto deve-se à intenção do falante, ao seu plano textual prévio, que se manifesta por meio de instruções”, estas somadas à experiência do ouvinte/leitor promove a realização de “operações cognitivas destinadas a compreender o texto em sua integridade, isto é, o seu conteúdo e o seu plano global” (Koch, 2018, p. 18).

Pela parte do receptor (ouvinte/leitor), no processo de interpretação e compreensão do texto, “não se limita a entender o texto no sentido de captar seu conteúdo referencial, mas atua no sentido de reconstruir os propósitos do falante ao estruturá-lo” (Koch, 2018, p. 18). Não se limita a identificar temas ou aspectos gramaticais, mas sim sua construção na intencionalidade, para reconhecer as marcas evidenciadas na enunciação, visto que reconhecer o tema pode ser uma análise estabilizada e nem sempre recupera os meandros da fala em ato.

Sendo assim, representar a significação de um determinado enunciado é registrar um dado ou constatar um fato, porém estes são resultados da própria experiência, não havendo garantias de recuperar as múltiplas ocorrências possíveis deste enunciado, nas situações em que é utilizado (Ducrot, 2020). A construção de um texto é marcada por dialogismos, polifonia e pressupostos, por isso “decidir qual é a significação do enunciado, fora de suas ocorrências possíveis, implica

ultrapassar o terreno da experiência e da constatação, e estabelecer uma hipótese” (Ducrot, 2020, p. 13). Além disso, o pressuposto não está expresso no enunciado, e o subentendido exige um processo de raciocínio. O material semântico manifestado no texto não é suficiente para a interpretação e reconhecimento do valor informacional, pois é na enunciação que estão os elementos fundamentais para a construção do raciocínio.

O raciocínio é construído a partir de estratégias da lógica, às quais são empregadas a relação efetiva entre signo e realidade, da mesma forma que essa relação tem que apresentar efeitos de verdade. Todavia, as engrenagens de cognição estão na enunciação, já que é preciso ter a experiência para saber que determinado signo representa determinado objeto, que determinado conceito pertence a determinado domínio, ou determinada terminologia se identifica semanticamente com determinada área científica ou cultural. Além disso, é preciso uma ação mental para, diante de duas proposições, chegar a um resultado.

As proposições são, para van Dijk (2019, p. 103), “unidades semânticas do discurso”, e seu conjunto pode ser reconhecido como episódios, isto é, “sequência de proposições específicas”. Dessa forma, ao entender “o discurso como um todo, tal sequência deve ser coerente de acordo com as condições usuais de coerência textual”, desse modo “as respectivas proposições deveriam denotar fatos em algum mundo possível, ou em mundos possíveis interligados” (Van Dijk, 2019, p. 103).

Sendo assim, a sequência discursiva evoca, na enunciação, as noções de tema, tópico, ponto principal, efetivando sequência de conceitos que constroem a sequência de proposições de um discurso, portanto promove o mapeamento semântico responsável pela construção e condução da informação. Nessa linha, através da aplicação da pragmática, a informação manifesta o conjunto de crenças e de conhecimento, estabelecidas como *frames* e *scripts* (Van Dijk, 2019, p. 103). Diante disso, as práticas são modelos construídos socialmente, enquanto a conduta e o comportamento é um conjunto de imagens decorrentes da interação e da resistência frente à presença do outro.

Nessa linha, o esquema, englobando *frames* e *scripts*, é “uma organização muito geral, presente entre os sujeitos, em função da qual se estruturaria a lembrança (de um texto na memória)”

ou ainda, os *frames* são “conjunto de conhecimento”, pois trata-se de “uma estrutura que representa uma situação conhecida sob a forma de um conjunto ordenado de informações vazias para particularizá-los e adaptá-los à situação” (Charaudeau; Maingueneau, 2020, p. 441-442).

Por seu turno, *script* é “um *frame* utilizado para a compreensão das sucessões de eventos sob a forma de cenas e episódios”, além de ser um tipo de episódio complexo e constituído “de ações, relações e conceitos de esquemas mais gerais” (Charaudeau; Maingueneau, 2020, p. 441-442), por exemplo pode-se dizer que a representação informacional é um *frame*, enquanto seleção de descritores para a representação do documento é um *script*.

Sendo assim, entende-se que a semântica é elemento responsável pela ativação da cognição e seus estímulos vinculados à elaboração da informação são responsáveis pela construção do conhecimento. Somado a isso, o processo linguístico é o processo que ativa a relação semântica entre objeto e pensamento, visto que o mundo humano é simbólico, a percepção é um ato de reconhecimento desses signos que validados por valores sociais, culturais, políticos, ideológicos, históricos ou científicos efetivam a compreensão lógica de sua composição semântica-cognitiva.

Ademais, é na enunciação que a significação acontece, porque é na elaboração de uma prática enunciativa que os valores semânticos se configuram e é possível determinar a intencionalidade, por conseguinte a rede conceitual que o texto propõe, seja por sua natureza verbal, seja pela necessidade de descrições verbais frente a textos não-verbais. Outrossim, a compreensão do sentido se estabiliza no enunciado, uma espécie de fim de jornada, ao menos diante de um determinado estágio cognitivo, no qual a construção informacional se estabiliza e, assim, a mente é capaz de gerar conhecimento.

4 Organização e representação da informação: aplicação manifestada no enunciado e na enunciação

O enunciado é o ponto de referência para as práticas de organização da informação, destacando a análise documentária, principalmente pelo fato de que é uma atividade que visa ao reconhecimento de terminologias especializadas a fim de evidenciar descritores com precisão para representar os conceitos e os domínios com que o documento dialoga.

Nessa linha, a prática de leitura documental conduz a organização e a representação da informação a retratar os aspectos que vinculam o documento a um determinado domínio. Há a preservação de um esquema, um *script*, pois o recurso aplicado é reconhecer no enunciado os termos específicos que caracterizem os conceitos de um determinado domínio, portanto mantêm-se as bases estruturais da organização e da representação do conhecimento, assim o *script* é uma ponte entre documento e sistemas de organização do conhecimento.

Acerca dessa prática, é importante destacar que “o indexador é um leitor que interage com o texto para cumprir o objetivo da indexação. Nessa interação, o indexador lê o texto”, objetivando cumprir uma leitura profissional, identificando os conceitos e o contexto para verificar elementos que influenciem suas escolhas (Fujita; Rubi, 2006, p. 1). Além disso, “a dificuldade do indexador frente à complexidade da análise de assunto de documentos com objetivo de indexação” encontra os mesmos procedimentos semântico-cognitivos que “a dificuldade de um leitor frente a um texto com o qual é preciso interagir a distância com as ideias de um autor, acrescentando aí, a variável contexto do sistema de informação, além da formação e atuação profissional do indexador” (Fujita; Rubi, 2006, p. 2).

O processo de leitura de um indexador é norteado, em sua maioria no reconhecimento de conceitos manifestados nos enunciados dos documentos, o que pode caracterizar que “a principal estratégia observada nos protocolos verbais foi a identificação de conceitos, cujo acionamento e sistemática dependeram do uso da estratégia de exploração da estrutura textual” (Fujita; Rubi, 2006, p. 3).

Assim, “o indexador especialista, por ter o domínio do assunto, realiza a leitura conceitual com movimento de leitura descendente (top-down) porque utiliza mais estratégias cognitivas e menos estratégias metacognitivas” mecanismo que evidencia que há a identificação de *scripts*, pois “durante a leitura conceitual, não usa associação com linguagem para a identificação e seleção de conceitos e a compatibilidade dos termos selecionados com a linguagem do sistema é alta” (Fujita; Rubi, 2006, p. 4). Sendo assim, a organização e representação da informação está vinculada à análise de enunciado, visto que “podemos considerar que a leitura do indexador do Centro de Informações Nucleares é realizada dentro da concepção de análise de assunto orientada para o conteúdo” (Fujita; Rubi, 2006, p. 4) e não para a intencionalidade.

Por outro lado, a análise documentária fundamentada na enunciação é mais complexa e pode ser um grande desafio para os sistemas de indexação automática, no entanto sua prática evidencia uma organização e representação responsáveis por um processo mais dinâmico. A informação presente nos documentos será representada não apenas decorrente do reconhecimento de conceitos à base de *scripts*, mas sim uma representação decorrente de um processo semântico-cognitivo que identifica a intencionalidade e garante aspectos como representatividade, pois a condução da representação não se prende a um hábito, a um protocolo previamente estabelecido.

Ao abordar a enunciação, o processo de análise documentária possibilita uma revitalização dos *frames*, visto que há a possibilidade de ampliação conceitual. Nesse sentido, a informação reconhecida torna-se caminho para a ampliação semântica dos conceitos, conseqüentemente, atualiza-se o conhecimento. Sendo assim, nessa configuração, a representação da informação permite que haja uma atualização na organização e representação do conhecimento e da informação.

Sendo assim, pode-se entender que uma análise da enunciação recupera os valores estabelecidos através da organização e representação do conhecimento, a qual conduz o trabalho de leitura, tratamento e indexação dos documentos, possibilitando que a organização e a representação da informação tenham parâmetros na extração dos conceitos e sua conversão em descritores adequados para garantir a normalização da semântica. Ao analisar os aspectos enunciativos, identifica-se a significação, através de processos cognitivos, que são decorrentes da experiência, permitindo que haja maiores e melhores descrições, portanto há um processo metalinguístico que amplia a representação da informação, sendo esta capaz de atualizar o conhecimento.

A intencionalidade presente em um texto é responsável pela semanticidade, e esse conjunto de conceitos, organizados como uma rede, efetiva o raciocínio, o qual ativa o processo cognitivo de compreensão de um texto. A interpretação de um texto não se limita a identificar elementos gramaticais presentes em seu enunciado, mas sim nos propósitos discursivos, revelados pela prática enunciativa, portanto uma boa interpretação identifica e considera a presença de fatores implícitos como pressupostos e subentendidos.

É fato que a linguagem documentária carrega em si fatores que a competem como *frames*, por isso representam um conjunto de conhecimentos partilhados que são recuperados em sua manifestação como pressupostos e acarretamentos. No entanto, a produção do texto pode direcionar a compreensão para diversos subentendidos, muitos fundamentais para saber se o texto confirma um discurso previamente construído, ou se trata de uma abordagem inovadora. Por exemplo, um documento cuja representação seja conduzida pelo descritor “Análise Documentária”, não é suficiente para indicar se trata de um texto que destaca a metodologia e epistemologia da década de 1980, em que aceitava uma análise fundamentada em bom senso, ou se trata de uma abordagem contemporânea, que busca por critérios metodológicos, estratégicos para efetuar uma prática mais próxima da cognição e da relação signo e objeto.

É importante destacar no processo semântico-cognitivo que “quando se trata do significado de uma palavra, nossa informação acerca de todas as relações e implicações que ele pode abarcar é incalculavelmente mais complexa e detalhada do que aquela que o espaço de um verbete pode apreender” (Maia, 2015, p. 62). Além do mais, como aponta Maia (2015, p. 62) acerca do léxico mental, “antes de chegar à ativação da unidade relevante para a linguagem [...] o estímulo ou a intenção deve percorrer caminhos periféricos que codificam informações perceptuais e intencionais com a informação linguística central”.

Dessa maneira, “a direcionalidade da informação também deve ser um fator a ser considerado, uma vez que a linguagem tem um caminho de entrada (percepção) e um caminho de saída (produção)” (Maia, 2015, p. 63). Assim uma análise direcionada ao reconhecimento gramatical está próxima à concepção estruturalista-formalista, enquanto a análise funcionalista explora os diversos elementos que envolvem a produção semântica, não apenas a observação dos fatores estruturais e sistemáticos, mas, principalmente, a análise desses fatores na construção da significação.

Entre os pressupostos funcionalistas, há a “ideia de que a significação não se baseia numa relação entre os símbolos e dados de um mundo real de vida independente, mas no fato de que as palavras e as frases assumem seus significados no contexto” (Cunha *et al.*, 2015, p. 16). Nessa perspectiva, a organização do conhecimento e da informação proporciona ferramentas instauradas decorrentes das diversas análises de contexto, assim a linguagem documentária aplicada para

evidenciar esses campos e áreas do conhecimento são consequência de um trabalho semântico-pragmático, resultando em conceitos que evidenciam um padrão construído culturalmente, de forma ampla, ou sistemática dentro de um domínio.

Esses conceitos, produtos cognitivos da organização do conhecimento, não devem ser reconhecidos como uma abordagem linguística, já que sua elaboração provém da análise extralinguística, do conflito entre pensamento, signo, objeto e fenômeno. O conceito como signo não deve ser entendido como arbitrário, porque dele não se evoca um sentido construído isoladamente, mas sim através de motivações fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas, decorrentes das relações sociais, culturais e históricas.

Nesse aspecto, o conceito é resultante de interações semântico-cognitivas, assim como também é engrenagem para a cognição de quem interage com sua significação, já que possui um papel de iconicidade dentro do universo da organização e representação do conhecimento e da informação. O conceito construído nos moldes do conhecimento atua no alinhamento da informação como uma anáfora, garantindo que seu sentido seja compreendido através do mecanismo cognitivo denominado de conhecimento partilhado, o qual se realiza diante do compartilhamento de informações e conhecimentos por um mesmo grupo.

Sendo assim, informação e conhecimento humanos são articulados pela aplicação de uma linguagem verbal. A linguagem natural é a grande articuladora da significação, já que é nesta versão em que os documentos se constroem e articulam enunciações e discursos. Frente a isso, sua tradução em linguagem documentária não é uma simples cópia, ou reprodução dos aparelhos linguísticos. Essa tradução é resultado de um processo semântico-cognitivo, visto que a elaboração de uma linguagem documentária envolve diversos fatores que contribuem na construção semântica, os quais são resultados de fatores cognitivos.

5 Conclusões

A linguagem tem grande impacto nos aspectos cognitivos, seja pela natureza semântica entre o signo e o objeto, seja pela articulação de enunciados e enunciações responsáveis pela

materialidade e veiculação da informação, na qual os aspectos de extensividade e intensividade acerca dos conceitos e seus atributos direcionam a significação.

Nessa perspectiva, a cognição interfere e contribui para a organização do conhecimento e da informação, visto que a categorização, a classificação, a catalogação e a descrição não são meros apontamentos, mas sim uma sistematização de saberes que se organizam de forma lógica e conduzidas pela aprendizagem humana diante de todo conhecimento acumulado pela humanidade ao longo da história. Os instrumentos de representação do conhecimento, nesse aspecto, são produtos que inter-relacionam a cognição, a inteligência e a computação linguística, visto que os resultados são decorrentes de sistematizações e procedimentos de ordem morfológica, sintática para a construção de linguagem documentária capaz de retratar os aspectos semânticos e pragmáticos dos domínios científicos ou culturais.

Ademais, as estratégias de leitura e compreensão, assim como de produção de texto, estão presentes na análise documentária, a qual exige o processo cognitivo a fim de reconhecer a rede semântica que se estabelece no enunciado e na enunciação. Tal rede semântica traduz a ordem de conceitos capazes de representar o conhecimento manifestado no documento. Todavia, é importante que as técnicas de tratamento e análise documentária transpassem a leitura de reconhecimento de conceitos presentes no enunciado, pois a informatividade de um texto está manifestada na enunciação, assim como o reconhecimento dos discursos e da intencionalidade.

Para a organização da informação, as considerações semântico-cognitivas perfazem os esquemas, os quais são manifestados e recuperados através de alguns elementos como *frames*, *scripts*, ainda podendo destacar os elementos implícitos como pressupostos, acarretamentos e subentendidos. A informação é condutora ao conhecimento, dessa forma a organização da informação é sistematizada através da linguagem documentária, justamente porque é desse material que se torna réplica, ou seja, funciona no sistema de iconicidade.

Em se tratando de representação da informação, os aspectos cognitivos estão presentes na composição metalinguísticas de instrumentos de descrição, sob os quais criam-se processos de significação, as quais atualizam a informação, permitindo novas experiências com o objeto ou

fenômeno descrito, assim atualizando o processo cognitivo do usuário, por conseguinte dessa interação é possível haver a atualização do conhecimento.

Nesse sentido, esta pesquisa apresentou fundamentos teóricos para a análise dos conceitos e das práticas que envolvem as áreas e disciplinas citadas, diante da qual chegou ao resultado de que, ao se tratar de informação e conhecimento humanos, é necessária a mediação da linguagem, pois é esta, através do signo e da interação social, capaz de ser geradora da cognição e, assim, atualizar o conhecimento.

Referências

- Barité, Mario et al. *Diccionario de organización del conocimiento: clasificación, indización, terminología*. 6ª ed., CSIC, 2015.
- Bräscher, Marisa, and Lídia Café. “Organização da informação ou organização do conhecimento?” *Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Universidade de São Paulo/Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2008, <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3016/2142>. Acessado 24 fev. 2024.
- Charaudeau, Patrick, and Dominique Maingueneau. *Dicionário de análise do discurso*. 3ª ed., Contexto, 2020.
- Cunha, Isabel M. R. F. “Análise documentária.” *Análise documentária: a análise da síntese*, editado por Johanna W. Smit, IBICT, 1987, pp. 39–62. Acessado 22 fev. 2024.
- Cunha, Isabel M. R. F. *Análise documentária: considerações teóricas e experimentações*. Vol. 1, FEBAB, 1989.
- Cunha, Maria A. et al. *Linguística funcional: teoria e prática*. Parábola Editorial, 2015.
- Dubois, Jean et al. *Dicionário de linguística*. Traduzido por Frederico Pessoa de Barros et al. 10ª ed., Cultrix, 1998.
- Ducrot, Oswald. *O dizer e o dito*. Traduzido por Eduardo Guimarães. Pontes Editores, 2020.
- Faria, Maria Isabel, and Maria da Graça Pericão. *Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico*. Almedina, 2008.
- Francelin, Marivalde M., and Nair Yumiko Kobashi. “Concepções sobre o conceito na organização da informação e do conhecimento.” *Ciência da Informação*, vol. 40, no. 2, 2012, <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1311>. Acessado 20 fev. 2024.

- Fujita, Mariângela Spotti Lopes, and Maria P. Rubi. “Um modelo de leitura documentária para a indexação de artigos científicos.” *DataGramaZero*, vol. 7, no. 3, 2006, <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5926>. Acessado 24 fev. 2024.
- Gandier, Adriana M., and Fábio A. Pinho. “A importância da semântica discursiva para a análise documental.” *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*, vol. 12, no. 2, 2018, <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/7897>. Acessado 20 fev. 2024.
- García Gutiérrez, Antonio. *Análisis documental del discurso periodístico*. CTD, 1992.
- Greimas, Algirdas J., and Jacques Fontanille. *Semiótica das paixões: dos estados das coisas aos estados da alma*. Traduzido por Maria José Rodrigues Coracini, Ática, 1993.
- Greimas, Algirdas J., and Joseph Courtés. *Dicionário de semiótica*. Traduzido por Alceu Dias Lima et al., 2ª ed., Contexto, 2016.
- Kobashi, Nair Yumiko. “Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação.” *DataGramaZero*, vol. 8, no. 6, 2007, <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6666>. Acessado 24 fev. 2024.
- Koch, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10ª ed., Contexto, 2018.
- Lara, Marilda Lopes Ginez de. “Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias.” *Ciência da Informação*, vol. 22, no. 3, 1993, <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v22i3.480>. Acessado 20 fev. 2024.
- Lara, Marilda Lopes Ginez de. “Conceitos de organização e representação do conhecimento na ótica das reflexões do grupo temma.” *Informação & Informação*, vol. 16, no. 2, 2011, pp. 92–121, <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2011v16n2p92>. Acessado 19 fev. 2024.
- Lara, Marilda Lopes Ginez de. “Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária.” *Ciência da Informação*, vol. 33, no. 2, 2004a, <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v33i2.1050>. Acesso em: 19 fev. 2024.
- Lara, Marilda Lopes Ginez de. “Informação, informatividade e linguística documentária.” *DataGramaZero*, vol. 9, no. 6, 2008. Acessado 19 fev. 2024.
- Lara, Marilda Lopes Ginez de. “Linguagem documentária e terminologia.” *Transinformação*, vol. 16, no. 3, 2004b, pp. 231–240, <https://doi.org/10.1590/S0103-37862004000300003>. Acessado 24 fev. 2024.
- Lara, Marilda Lopes Ginez de. “Novas relações entre terminologia e ciência da informação.” *DataGramaZero*, vol. 7, no. 4, 2006. Acessado 19 fev. 2024.
- Lara, Marilda Lopes Ginez de. “O unicórnio (o rinoceronte, o ornitorrinco...)” *DataGramaZero*, vol. 2, no. 6, 2001, <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5294>. Acessado 19 fev. 2024.
- Lara, Marilda Lopes Ginez de. “Tesouro: linguagem de representação da memória documentária.” *Ciência da Informação*, vol. 32, no. 2, 2003. Acessado 24 fev. 2024.

- Lara, Marilda Lopes Ginez de. *Linguística documentária: seleção de conceitos*. Universidade de São Paulo, 2009.
- Lima, José Leonardo O., and Lilian Alvares. “Organização e representação da informação e do conhecimento.” *Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações*, editado por Lilian Alvares, B4Editores, 2012. Acessado 15 fev. 2024.
- Maia, Marcus. *Psicolinguística: uma introdução*. Contexto, 2015.
- Maimone, Giovana Deliberali, and Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo. “Linguística e terminologia: contribuições para a elaboração de tesouros em ciência da informação.” *DataGramZero*, v. 12, n. 2, 2011. <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7356>. Acessado 14 julho 2024.
- Otlet, Paul. *Tratado da documentação: o livro sobre o livro, teoria e prática*. Traduzido por Taiguara Villela Aldabalde et al., Briquet de Lemos, 2018.
- Van Dijk, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 7ª ed., Contexto, 2019.
- Vygotsky, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Traduzido por José Cipolla Neto et al., 7ª ed., Martins Fontes, 2007.
- Vygotsky, Lev S. *Pensamento e linguagem*. Traduzido por José Cipolla Neto, 4ª ed., Martins Fontes, 2008.

Copyright: © 2026 MARTINES, Alexandre Robson. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

Submetido: 23/01/2026

Aceito: 15/05/2026